

A SÉRIE DE CRÔNICAS "DIÁLOGOS" DE FIGUEIREDO COIMBRA

Marcela FERREIRA¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a estrutura da coluna de crônicas “Diálogos” de Figueiredo Coimbra (1866 – 1899). Os “Diálogos” foram publicados de julho 1895 a janeiro 1899 no periódico carioca *A Notícia*, somando um total de 467 textos. A temática central versa sobre o cotidiano do final do século XIX. Em sua composição, as crônicas apresentam características do gênero diálogo e do teatro de revista. Nosso propósito é estudar como essa forma de composição interfere na representação do cotidiano. A pesquisa ainda tem por objetivo divulgar textos literários interessantes e inéditos, extraídos dos Diálogos, que possam inclusive fornecer subsídios para estudos de caráter histórico ou sociológico.

Palavras-chave: “Diálogos”; Figueiredo Coimbra; Crônica; Teatro de revista; Gênero diálogo.

RESUMEN: Este artículo objetiva analizar la columna de crónicas “Diálogos” de Figueiredo Coimbra (1866-1899), que tuvieron su publicación del julio de 1895 hasta el enero de 1899, en el periódico *A Notícia* del Rio de Janeiro, agregando un total de 467 textos. La temática gira alrededor del cotidiano del siglo XIX. Nuestro propósito es investigar como la composición interviene en la representación del cotidiano, pues las crónicas son estructuradas con las características del teatro de revista y del género diálogo.

Palabras-clave: “Diálogos”; Figueiredo Coimbra; Crónica; Teatro de revista; Género diálogo.

1. Introdução

Figueiredo Coimbra, de nome completo Argemiro Gabriel de Figueiredo Coimbra, nasceu a 18 de março de 1866, no Rio de Janeiro. Faleceu jovem, com apenas 33 anos, a 23 de março de 1899, vítima de tuberculose. Nas últimas décadas do século XIX, ele frequentava as rodas literárias e convivia com escritores importantes do período, como Raul Pompéia, Olavo Bilac e Artur Azevedo. O autêntico boêmio era conhecido no meio literário e sua vida sempre foi dedicada às letras.

Entre os anos de 1882 a 1899, publicou na imprensa poemas, crônicas e artigos; concomitantemente, nos teatros, eram representadas comédias, revistas, traduções e adaptações, sob autoria de Coimbra. Todas as produções foram esquecidas pela crítica, sobretudo pela efemeridade de seus meios de divulgação e pela ausência de uma publicação em livro.

A carreira literária de Coimbra começou efetivamente em 1884, com a comédia *A Carta Anônima*, peça representada no Teatro Recreio Dramático pela companhia Dias Braga.

¹ Mestranda em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Esta pesquisa está sendo financiada pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e orientada pela Profa. Dra. Orna Messer Levin. E-mail: marfe16@hotmail.com.

Posteriormente, escreveu *O Bendegó* (1889), revista de ano escrita em parceria de Oscar Pederneiras, e *O mundo da Lua* (1894), uma viagem-revista. O sucesso no teatro revelou o talento do jovem escritor e, a partir desse momento, ele recebeu convites para escrever na imprensa carioca. *A Gazeta da Tarde*, o *Diário de Notícias*, o *Novidades*, a *Revista Ilustrada* e a *Revista Teatral* são alguns exemplos de periódicos, em que se encontram colaborações do autor.

No decorrer dos anos, as colaborações na imprensa também se tornaram sinônimo de sucesso. No auge da carreira, ele colaborou no vespertino *A Notícia*; o periódico surgiu em setembro de 1894, contando com a colaboração de Valentim Magalhães, Medeiros e Albuquerque, Ferreira de Araújo e Figueiredo Coimbra, como secretário da redação. Nessa folha, Coimbra publicou artigos e comentários sobre os fatos da época, como a atuação do ator Novelli, em 1895. Ali, criou duas colunas de crônicas: “Notas de um simples” e “Diálogos”.

A coluna “Notas de um simples”, publicada todas as sextas-feiras, surgiu em outubro de 1894 e permaneceu até dezembro de 1896, somando um total de 58 textos. No dia 23 de julho de 1895, Coimbra começou a publicar, diariamente, os “Diálogos”, que, a partir de 1896 até 1899, sofreram interrupções variáveis. Somam-se 467 textos publicados durante esses anos, como disposto na tabela:

Tabela 1 – Textos publicados por ano

ANO	Nº DE TEXTOS
1895	134
1896	225
1897	86
1898	18
1899	4
TOTAL	467

Coimbra assinou os primeiros 42 textos dos “Diálogos” com o pseudônimo “Platão”, alusão ao exímio filósofo grego que escrevia em forma dialogada e que até hoje é, por excelência, o maior exemplo do gênero diálogo. Os leitores de *A Notícia* tiveram conhecimento da autoria dessa série por meio de uma nota, publicada em 26 de agosto de

1895, com informações sobre as colunas e os colaboradores do periódico, na qual se confirmava o nome de Figueiredo Coimbra. A revelação não afetou o uso do pseudônimo, que foi mantido até o dia 9 de setembro de 1895. O texto seguinte, de 10 de setembro, apareceu com outra assinatura. A partir desse dia, o autor usou as iniciais “F.C.”, como na coluna “Notas de um simples”, iniciais estas adotadas até o final da publicação, em 1899.

2. A Estrutura dos “Diálogos”

Os “Diálogos” tinham como temática principal o cotidiano carioca do final do século XIX. Nessa coluna, publicada na culminância da carreira, Coimbra utilizou de sua experiência no teatro e na imprensa para criar a série de crônicas dialogadas. As convenções e os recursos do teatro de revista, as características do gênero diálogo somavam-se à composição da crônica. Como se pode perceber na crônica do dia 8 de novembro de 1895:

A ESTRADA CENTRAL. — *Enfoncée*² a Febre Amarela! Minha cara amiga, fui eu quem te suplantou!

A FEBRE AMARELA. — Triste verdade é essa, que eu não ousarei contestar. Fui miseravelmente derrotada. Eu era o flagelo nacional e hoje sou apenas uma sombra do passado.

A ESTRADA CENTRAL. — Despovoar pela morte, era o teu largo programa; o meu programa é dizimar a população. Entretanto, fui mais longe do que tu; os meus fins são consideravelmente mais amplos. Tu escolhias de preferência os estrangeiros na tua fúnebre colheita; eu mato indistintamente estrangeiros e nacionais.

A FEBRE AMARELA. — Não és jacobina, não és patriota!

A ESTRADA CENTRAL. — Ó voz que entras nos meus vagões, deixai lá fora as ilusões, e sobretudo não compreis bilhete de ida e volta, porque é despesa perdida!

A FEBRE AMARELA. — Foi humilhante a minha aposentação! Nem por isso eu era tão velha; poderia ainda prestar serviços relevantes.

A ESTRADA CENTRAL. — Mas quando e em que se poderiam comparar aos que eu presto, dando a última palavra do progresso? Pelo menos, há de convir comigo em que sou mais limpa e mais pronta!

A FEBRE AMARELA. — Mais pronta serás; agora quanto à limpeza, só concordarei contigo se te referes à das algibeiras!

A ESTRADA CENTRAL. — Comigo não há necessidade de médico nem de confessor. Quem me escolhe, não tem que se enganar: vem à morte certa. E olha que me devem agradecer de mãos postas, porque a todos levo muito mais longe do que o seu destino: levo-os para o céu. Vê lá se conduzir à eterna bem-aventurança quem apenas deseja ir a Cascadura, não é exceder miraculosamente os maiores desejos e expectativas?

A FEBRE AMARELA. — Reconheço-me vencida. Sou uma pobre moléstia repelente, que nem sempre mata, e que todos odeiam; ao passo que tu és um brilhante ramo de viação, que todos procuram e apreciam! Eu sou um foco de ruína e de misérias; tu és uma fonte de riqueza e prosperidade.

² *Enfoncée* verbo francês que quer dizer derrotada, vencida.

A ESTRADA CENTRAL. — Pobre vagabunda, que, no caráter de calamidade, nem ao menos sabias ser completa! Fica-te para aí; sucumbe à tua ignóbil e merecida lazeira³.

A FEBRE AMARELA. — Vai, próspera, sê feliz, mas não rias da minha decadência irremediável! Olha o castigo do orgulho insensato!

A ESTRADA CENTRAL. — Assim como assim, uma vez que estás liquidadada, por que não tomas um dos meus trens? (F.C., 1895a, p. 1)

O tema dessa crônica versou sobre as condições da estrada de ferro. Figueiredo Coimbra criou um texto humorístico em que dialogaram duas personagens: a Estrada Central e a Febre Amarela, que discutiam sobre quem era o pior mal no final do século.

As péssimas condições dos meios de transporte público e as condições favoráveis a acidentes eram constantemente noticiadas nos jornais, em 1895. Coimbra trabalhou com o tema fazendo um percurso irônico, sem criticar diretamente.

Observa-se que nos “Diálogos” encontra-se a “ficcionalização” do cotidiano. É principalmente por essa característica que a série pode ser considerada um conjunto de crônicas. Para analisá-las, é preciso observar como Coimbra as teceu com elementos característicos de outras formas de escrita, como o gênero diálogo e o teatro de revista.

O cotidiano é a matéria-prima da crônica. Os cronistas retratam o tempo, os fatos, observando a vida, o presente, as experiências e as reflexões humanas; as coisas mais sérias são ditas de uma maneira completamente sutil. No século XIX, “ ‘Crônica’ e ‘cronista’ passaram a ser usados com o sentido atualmente generalizado em literatura: é um gênero específico, estritamente ligado ao jornalismo.” (Coutinho, 1997, p. 121)

Os “Diálogos” eram publicados diariamente n’*A Notícia* e tinham como temática o dia-a-dia da capital carioca. Atente-se para a apreciação de Bilac, na coluna “A data”, em que o poeta ressaltou as características “cronísticas” da série de Coimbra:

E que dizer dos *Diálogos*, – desse vasto animatógrafo, por onde, palpitante e apanhada em flagrante, viva e bulhenta, desfilava diariamente toda a gente carioca, com as suas manias, com os seus *tics*, com seus vícios? Todas as pequeninas tragédias e comédias, que são a vida de uma cidade, eram fixadas ali, em duas dúzias de linhas rápidas; uma rubrica bastava para dar a fisionomia de um personagem, uma curta frase incisiva bastava para gravar um estado de alma (B., 1900, p. 2).

Bilac comparou a coluna ao animatógrafo, que era um dos primeiros aparelhos de cinema, e que veiculava cenas de apenas 30 segundos exibidas nos teatros. Nessas apresentações, as pessoas assistiam à projeção de cenas dramáticas do cotidiano. No caso dos

³ Qualquer casta de males; desgraça, miséria.

“Diálogos”, cada texto lembrava uma cena do animatógrafo: rápida e concisa.

Coimbra fixou na série “as pequeninas tragédias e comédias que são a vida de uma cidade”. Tratou dos assuntos que pertenciam à rotina dos cariocas, como na crônica do dia 8 de novembro, em que expôs os problemas de transporte e saúde pública na capital. No texto, percebe-se a transformação de um problema (“pequena tragédia”) em uma cena cômica. Os acidentes na estrada e a febre amarela matavam centenas de pessoas. Com a criação de personagens alegóricas, Coimbra provocou o riso em seus leitores e, ao mesmo tempo, criticou a falta de providências do governo local.

A transformação da crônica em uma cena teatral humorística, somada à utilização de personagens-tipo e alegóricas, conferiu à série um estilo peculiar em sua estruturação. As crônicas de Coimbra eram construídas com características de textos teatrais. Essa mistura de gêneros literários demonstra a liberdade do cronista no processo de criação.

A combinação de formas fez com que a caracterização da coluna perpassasse por diferentes perspectivas da crítica contemporânea a Figueiredo Coimbra. Assim, em setembro de 1895, *A Notícia* considerou a coluna como uma “nota humorística” (*A NOTÍCIA...*, 1895, P.1); Medeiros e Albuquerque classificou os “Diálogos” como “artiguets leves e despreziosos”, além de “quadro de costumes” e inseriu o autor como integrante da “literatura dialogada” (Rufiuflio Singapura, 1899, p. 2).

Artur Azevedo considerou a série como “fragmentos de comédias” e “cenas soltas”, “articuladas numa ação dramática” (Azevedo, 1899, p. 2). Já Valentim Magalhães a caracterizou de “dialogação cênica”, e foi mais além, mostrando que na coluna se encontravam: graça, observação, ironia e filosofia prática (Magalhães, 1899, p. 2).

Na crônica das personagens a *Estrada de Ferro* e a *Febre Amarela*, percebe-se que o tema é tratado com humor, em tom leve e desprezioso; com o formato de uma cena solta, um fragmento de uma comédia, mas que traz graça, observação e filosofia prática. O assunto exposto nessa crônica é um fato do cotidiano. O relato do tempo feito – não como uma simples notícia de jornal – passa por uma transformação e torna-se uma forma literária.

Após a leitura dos “Diálogos”, percebe-se que Coimbra utilizou as características do gênero diálogo e do teatro de revista para compor sua coluna. O processo de fundição dessas características converge para que as crônicas reproduzam literariamente o tempo, as situações, os fatos e a história do povo carioca do final do século XIX, e possam ser considerados como crônicas dialogadas.

3. O gênero diálogo

O diálogo era um gênero literário muito conhecido no século XIX. Mas, Coimbra não usou apenas esse gênero; ele acrescentou aos seus textos elementos do teatro, principalmente do teatro de revista, como as personagens-tipo e alegóricas, além da própria forma dos textos parecerem com quadros de comédias que eram representados nas revistas naquela época.

O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* traz em sua quarta acepção do vocábulo “diálogo” o seguinte: “obra em forma de conversação com fins expositivos, explanatórios ou didáticos” (Houaiss, 2001, p. 525). Dessa forma, o diálogo não é mera representação de uma conversa, pressupondo que há outras finalidades quanto à sua inserção no campo literário.

No século XIX, a classificação dos gêneros literários era muito mais ampla do que nos dias atuais. Por meio dos compêndios de retórica e poética (disciplina exigida nos preparatórios até a década de 1880), constata-se como a literatura era dividida. Segundo Souza (1999), “não existe a menor preocupação com os critérios que presidem às classificações, não havendo correlativamente qualquer sentido de economia e elegância na proposição as tantas em que se prodigaliza” (p. 68).

A ampla classificação, mesmo sem critérios estabelecidos, apresentou o diálogo como gênero literário. Conhecido no período estudado com essa categorização, é preciso recorrer aos manuais oitocentistas para conhecer as descrições do gênero.

No manual *Lições de eloquência nacional*, de 1861, o cônego Freire de Carvalho inseriu o gênero diálogo no ramo da “literatura amena” e comentou a sua prática na década de 60, do século XIX. A forma de composição dialógica era usada pelos jovens portugueses que escreviam para o público, e fazia-se necessário incluir a descrição do gênero nos manuais didáticos. Assim, no capítulo dedicado ao gênero, há a seguinte explicação sobre o diálogo:

As composições filosóficas, e até algumas vezes as históricas tomam uma forma, que as faz aproximar às obras de mero gosto: é ela a do Diálogo, ou da simples conversação. – Um Diálogo [...] que tenha por assunto ou a Filosofia em qualquer dos seus ramos, ou a Crítica, &c, ocupa, quando é bem feito, um lugar honroso entre as obras do Gosto; contudo a sua execução é muito mais difícil, do que comumente se pensa. (Carvalho, 1861, p. 273-274).

O cônego ainda atesta a dificuldade de execução do gênero dialogado, afirmando que para a perfeição do gênero “é preciso, que ele seja a representação verdadeira e animada de uma conversação real”. A exposição sobre o gênero termina com a seguinte afirmação “Pelo que o autor, que puder lisonjear de bem desempenhar este Gênero, pode estar certo de que

agradará instruindo”. O gênero dialogado, segundo pensa Freire, consegue agradar e instruir ao mesmo tempo. Ensina e diverte.

A partir das descrições apresentadas, percebe-se como Coimbra empregou as características do diálogo em sua série. O diálogo é comparado aos textos filosóficos. Figueiredo Coimbra, não fez filosofia em seus “Diálogos”, mas quis remeter seus textos à tradição filosófica, pois assina inicialmente como Platão. Nos “Diálogos”, há ensinamentos para os leitores, uma espécie de “filosofia prática”, como afirma Medeiros e Albuquerque. Coimbra usou a forma filosófica do mestre de Aristóteles para compor sua coluna. Porém como não se encontram nos textos “profundas” ou “extensas” discussões, foi como se o autor fizesse uma paródia do gênero; não usou a forma para fazer crítica dos grandes assuntos, mas sim da vida cotidiana.

4. Recursos do teatro

Figueiredo Coimbra também inseriu em suas crônicas vários recursos do teatro, uns com mais frequência, outros apenas em algumas crônicas. O autor usou principalmente os recursos do teatro de revista, que está ligado ao teatro popular. Conforme Veneziano (1991), as características do teatro popular são: “a tipificação; o não aprofundamento dos temas; a mistura de gêneros e o desinteresse pelo enredo contínuo” (p. 20).

Podem-se comparar as crônicas de Coimbra com os quadros de comédia ou esquetes presentes no Teatro de Revista. Rangel (1949) define esses quadros, como “uma composição sumária rapidíssima. Uma idéia numa pincelada forte, cinematográfica, dramática, cômica ou estapafúrdia” (p. 117). Outra técnica usada por Coimbra é o “aparte”, que consiste em “uma forma de *monólogo*, mas torna-se, no teatro, um *diálogo* direto com o público. Sua qualidade essencial é introduzir uma modalidade diferente daquela do diálogo.” (Pavis, 1999, p. 31).

5. Considerações Finais

Com as características do teatro e do gênero diálogo, somadas à crônica, Figueiredo Coimbra conseguiu criticar e ironizar os assuntos do cotidiano, de forma criativa. Esse efeito é percebido quando se compara a série de crônicas dialogadas com outra série de Coimbra, “Notas de um simples”, publicada n’*A Notícia*.

Nas “Notas de um simples”, do dia 3 de agosto, há um comentário sobre os colaboradores da polianteia, composta em homenagem a Basílio da Gama:

Um grupo de admiradores convencidos, homens de letras, organizou uma bela polianteia em homenagem ao épico brasileiro. Para esta manifestação foram convidadas muitíssimas pessoas que cultivam a literatura com mais ou menos proveito e reputação. Escusaram-se algumas, sob o fundamento de que não conheciam o poeta se quer de nome, e que a sua sinceridade, logicamente, as impedia de renderem tributo de apreço a um homem de quem nunca ouviram falar. Parece que esta franqueza é louvável; muitos, porém, não o entenderam assim; e não ocultam as censuras indignadas que fazem ao que reputam ignorância e rudeza. Naturalmente estes senhores batem palmas à convicção de alguns dos colaboradores da polianteia que mais formidáveis bombas acenderam louvor do poeta, de cuja existência só tiveram conhecimento por ocasião deste centenário. (F.C., 1895b, p. 1)

O mesmo comentário foi assunto dos “Diálogos”, do dia 31 de julho, mas o assunto fora ficcionalizado, com a criação das personagens “literato” e “admirador”. A personagem admirador convidou o literato para colaborar na polianteia, mas pela conversa entre as personagens, o “aplaudido” escritor não conhecia Basílio da Gama. A crônica terminou com a seguinte situação:

O literato parece embaraçado, mas isto não dura muito. Decidindo-se logo, aquiesce:
 — Pois sim; mas faça-me o favor de escrever aqui alguns dados da vida e da obra do poeta.
 — Como?
 — Para ir mais depressa...
 — Ah! bem.
 O visitante senta-se à mesa de trabalho do literato, e põe-se a escrever.
 — Olhe! Uma idéia! Escreva o senhor mesmo o artigo, que eu assino. (PLATÃO, 1895, p. 1)

O confronto entre os dois textos permite a constatação de que o primeiro trata o assunto diretamente, e o segundo é a transformação, do mesmo assunto, em uma cena humorística. Coimbra opinou sobre o cotidiano nas “Notas de um simples”; nos “Diálogos”, fez o mesmo, mas acrescentando elementos do teatro e do diálogo às crônicas.

Nos “Diálogos”, o autor experimentou uma forma de escrever e criticar o cotidiano sutilmente. A mesma forma foi usada em 1886, por Machado de Assis, na coluna “A+B”, publicada na *Gazeta de Notícias*. Posteriormente, de 1906 a 1908, Artur Azevedo compôs uma série de crônicas dialogadas para o periódico *O Século*, intitulada “Teatro a vapor”. Gerald M. Moser (1977) considerou a série de Azevedo como uma “inovação na história da crônica brasileira” (p. 14); na verdade, o gênero era comum entre os cronistas do século XIX. A diferença da crônica dialogada em relação à crônica comum é que chama a atenção dos leitores por causa de sua forma.

Das características do gênero diálogo, os “Diálogos” resgatam a forma de “agradar instruindo”, pois o gênero era um método para expor temas e impor opiniões. Com a forma dialogada, a imposição fica subentendida nas entrelinhas. O autor conseguiu infiltrar nos textos suas opiniões e suas críticas sobre a vida no Brasil. Expôs de forma concisa e crítica os males da sociedade e tentou mostrar qual o caminho que concebe como correto.

Coimbra também aproveitou a sua experiência como autor de revistas e comédias e a transportou para a coluna d’A *Notícia*. As características do esquete ou quadro de comédia estão presentes nos “Diálogos”, com outros elementos do teatro ligeiro, como as personagens-tipo e o “aparte”. O humor também permeou os textos, com situações cômicas sobre o cotidiano do Rio de Janeiro, com o uso de personagens cariocas tipicamente caracterizados. Os elementos do teatro popular, provavelmente, tinham como finalidade facilitar a veiculação da mensagem do autor.

Enfim, nos “Diálogos”, Figueiredo Coimbra usou de formas “menores” para compor sua série de crônicas: o diálogo e o teatro de revista. A crônica também é considerada dessa forma; Cândido (1992) afirma no início de seu ensaio que:

a crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. (p. 13)

Figueiredo Coimbra não poderia ser reconhecido pelo seu trabalho como “escritor” somente pela contribuição de sua coluna “Diálogos”. Ele criou seus textos com vários elementos. Conseguiu juntar o factual ao literário, concentrando-se no literário, mas sem se esquecer da história. “A perspectiva de um cronista não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão” (*Ibidem*, p. 14). As pequenas crônicas dialogadas de Coimbra tornam-se importantes na proporção de que cada texto da coluna “Diálogos” ocupa um lugar dentro da cultura da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

A NOTÍCIA publica. **A Notícia**. Rio de Janeiro, p. 1, 26 ag. 1895.

AZEVEDO, Arthur. O teatro. **A Notícia**. Rio de Janeiro, p. 2, 30 mar. 1899.

B. [Olavo Bilac]. A data. **A Notícia**. Rio de Janeiro, p. 2, 23 mar. 1900.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da UNICAMP, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p.13-22.

CARVALHO, Francisco Freire de. **Lições elementares de eloquência nacional**: para uso da mocidade de ambos os hemisférios que fala o idioma português. Lisboa: Typografia Rollandiana, 1861.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, Afrânio (dir.), COUTINHO, Eduardo de Faria (co-dir.). **A literatura no Brasil**. 4. ed. rev. e at. São Paulo: Global, 1997. v. 6, p.117-43.

F.C. (Figueiredo Coimbra). Diálogos. **A Notícia**. Rio de Janeiro, p. 1, 8 nov. 1895a.

_____. Notas de um simples. **A Notícia**. Rio de Janeiro, p. 1, 3 ag. 1895b.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MAGALHÃES, Valentim Figueiredo Coimbra. **A Notícia**. Rio de Janeiro, p. 2, 28 mar. 1899.

MOSER, Geral M. Introdução. In: AZEVEDO, Arthur. **Teatro a vapor**. São Paulo/ Brasília: Cultrix/INL, 1977.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. Trad. Maria Lúcia Pereira, J.Guinsburg, Rachel Araújo de Baptista Fuser, Eudynir Fraga e Nanci Fernandes. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PLATÃO (Figueiredo Coimbra). Diálogos. **A Notícia**. Rio de Janeiro, p. 1, 31 jul. 1895.

RANGEL, Otávio. **Técnica teatral**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1949.

RUFUFLIO SINGAPURA [Medeiros e Albuquerque]. Notas. **A Notícia**. Rio de Janeiro, p. 2, 28 mar. 1899.

SOUZA, Roberto Acízelo. **O império da eloquência**: retórica e poética no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: EdUERJ/ EdUFF, 1999..

VENEZIANO, Neyde. **O teatro de revista no Brasil**: dramaturgia e convenções. Campinas-SP: Pontes – Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1991.